

# Os lugares da cultura no mundo globalizado

---

Valdemar Valente Junior<sup>1</sup>

## Resumo

Este texto tem como objetivo detectar elementos da contemporaneidade a partir da globalização e seus desdobramentos como referências de um mundo em permanente transformação. Desse modo, recorreremos à postulação necessária ao entendimento do processo teórico em curso, a partir do exemplo dos textos de autores como Theodor Adorno, Giorgio Agamben, Néstor García Canclini e Stuart Hall, tendo em vista os lugares da crise presente e os sinais que apontam luzes no caminho de sua superação. Para tanto, buscamos identificar nas relações de natureza virtual, em vista da abertura que se verifica, no tocante ao acesso às múltiplas possibilidades desse meio de comunicação como uma forma de democratização do conhecimento e ferramenta de transformação social em escala globalizante, a possibilidade de identificação dos elementos responsáveis pelo quadro de transformações inerentes ao que hodiernamente se apresenta como realidade.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Globalização. Cultura virtual.

## THE CULTURES PLACES IN THE GLOBALIZED WORLD

## Abstract

This text aims to detect elements of contemporaryity from globalization and its developments as references of a world in permanent transformation. Thus, we use the postulation necessary to understand the theoretical process in progress, from the example of the texts of authors such as Theodor Adorno, Giorgio Agamben, Nestor García Canclini and Stuart Hall, in view of the places of the present crisis and the signs that point lights in the path of your overrun. Para tanto, buscamos identificar nas relações de natureza virtual, em vista da abertura que se verifica, no tocante ao acesso às múltiplas possibilidades desse meio de comunicação como uma forma de democratização do conhecimento e ferramenta de transformação social em escala globalizante, a possibilidade de identificação dos elementos responsáveis pelo quadro de transformações inerentes ao que hodiernamente se apresenta como realidade.

**Keywords:** Contemporaryity. Globalization. Virtual culture.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da Universidade Castelo Branco. Email: valdemarvalentejr@yahoo.com

## Introdução

A partir de um determinado momento, que parece precário, diante de uma observação mais apurada, os lugares de pertencimento da cultura parecem condenados ao sucateamento. De um modo abrangente, são submetidos à intervenção de sucessivos mecanismos de interferência que lhes subtraem o que até então representara a tentativa leonina de preservação de valores que pouco a pouco se rendem à ordem de aniquilamento do pensamento ligado, por exemplo, à afirmação de um nacionalismo cultural. Por mais que a interferência das culturas hegemônicas sobre as culturas subalternas seja um fenômeno avassalador, no transcurso do século XX, os núcleos de resistência, espalhados entre os países de economia dependente, ainda buscam fazer frente a esse processo, mesmo que em condições extremamente desiguais. No entanto, com a derrubada do Muro de Berlim, que separava as duas Europas, parece também ir abaixo todo um quadro de idealização pautado nos princípios do socialismo. Esse acontecimento determina uma mudança radical, condenando as ideologias, banindo a história e decretando o primado da livre iniciativa como regra a cuja hierarquia draconiana se submetem os países da periferia do capitalismo, marcadamente regiões onde predominam a pobreza e a exclusão, na Ásia, na África e na América Latina. A esse processo pode ser acrescida a alienação decorrente do despejo nessas áreas de uma enorme quantidade de lixo cultural que passa a ser consumido com avidez.

A perda progressiva do princípio básico de identidade ligada à terra e ao homem que nela constrói sua vida tende a sucumbir à avalanche de utensílios descartáveis, produzidos em escala industrial, que inundam os bolsões de pobreza em sub-regiões desprovidas de recursos como água potável e saneamento básico. Esse descompasso

serve para que se identifique a ineficácia inerente ao processo de abertura econômica que deixa de atender a exigências fundamentais da condição humana, voltando-se para o lucro como princípio único de que se nutrem os grandes conglomerados industriais. A presença dos produtos inseridos na ordem de consumo dos países pobres não tem como responder positivamente a esse processo, tendo em vista a fragilidade econômica de quem convive com índices baixíssimos de qualidade de vida. A globalização, no entanto, não tem como isentar qualquer consumidor específico, norteando seus interesses na demanda cada vez mais crescente de um *modus vivendi* que se impõe sem crítica. A carga de ideologia presente nesses produtos consiste no quesito principal a se impor como marca de um tempo que se exime de exibir sua face verdadeira, sendo sua suposta falta de identidade a condição que lhe sustenta e lhe serve de anteparo ideológico. Desse modo, a situação de crise permanente representa o sentido maior de um sistema que atua a partir de seguidas demolições do que sequer encontra tempo suficiente para poder se firmar, na condição de marca definida a ocupar um determinado espaço da cultura.

Assim, para Theodor Adorno (1986) o aviltamento do princípio de originalidade da grande arte, subjugada pelo que chamou de indústria cultural, ganha a dimensão de paroxismo completo, na medida em que a órbita do consumo desenha espirais infinitas ao desprezar o processo de consolidação de identidade em nome da sanha predatória que se isenta de qualquer sentido de preocupação para deflagrar sua campanha em favor do lucro. Desse modo, a poluição ambiental se alia à poluição visual e sonora quando são transferidas para a periferia do capitalismo as atribuições de uma produção que se serve de mão de obra barata para multiplicar os lucros dos grandes empreendedores, danificando a terra e empobrecendo o homem. No rastro de devastação que se consolida, a

fragilização crescente dessas economias serve para fortalecer ainda mais o eixo de onde demandam as determinações do capital. Diante disso, não restam alternativas aos países periféricos, aviltados em sua soberania, que passam a conviver com todos os tipos de cultura, o que acaba por se tornar uma espécie de segunda natureza, caracterizando-se com amálgama de situações para as quais não há escapatória. A ordem do consumo em sua esfera mundial tem como necessidade premente a manutenção de um domínio que se explicita como expressão de que se faz impraticável fugir. A posição de inferioridade que se configura concorre para que se tenha uma ideia dessas sub-regiões como territórios devastados, terras arrasadas, sem remissão.

O fenômeno da globalização econômica não parece ser recente, se forem consideradas as tentativas de abertura de mercado ao logo da história do homem. No entanto, a configuração do que se estabelece hodiernamente com expressão de um mundo marcado pela rapidez de suas ações tende a incorporar o somatório dos elementos da cultura como mercadoria a ser exposta ao consumo como regra básica que se sobrepõe aos interesses específicos da sociedade no que diz respeito às demandas de bem-estar e supressão de necessidades fundamentais. Em vista disso, não seria exagero afirmar que a aventura capitalista chegou ao seu limite máximo, concorrendo para isso a derrota do socialismo como representação de um modelo de planificação que exclui de sua esfera a livre concorrência de mercado. Desse modo, o agravamento da crise faz com que o recrudescimento de medidas de exploração ganhe um contorno ainda mais objetivo, interferindo, para tanto, ações que vitalizam situações de ingerência na forma com que os países periféricos tentam manter sua soberania e seu sistema de governo. Assim, a intervenção norte-americana na América

Latina, como no Oriente Médio e na Ásia implica em uma tomada de posse, militar ou ideológica da nação mais rica do planeta sobre aquelas sem capacidade de se defenderem diante de sucessivas invasões.

A cultura hegemônica, portanto, exerce com plena clareza seu poder de determinar os destinos de outras que tendem a abrir mão de suas prerrogativas, no que tange à independência de seus valores para submeterem-se às expressões da indústria cultural disseminadoras de um programa de dominação ideológica pautado na alienação. O aparato voltado para o consumo supérfluo de aparelhos que em pouco tempo perdem sua utilidade, na medida em que são feitos para terem um breve fim, além de serem superados por outros mais atualizados, serve como premissa a um mundo desencantado cujo acúmulo de materiais tornados inúteis determina a medida das ações de um sistema que tem por base a existência de sucessivas crises como mecanismos de relevância, inerentes à sua própria continuidade. O sequente arrasamento do que parece consolidado dá conta de um estágio avançado dos meios de comunicação sob a tutela do capital. Para efeito desse artigo, a metodologia empregada diz respeito ao emprego de meios de observação que se respaldam em teóricos como Theodor Adorno, Giorgio Agamben, Néstor García Canclini e Stuart Hall. Por meio deles, o caráter especulativo do capitalismo em sua feição mais devastadora concorre para que as expressões da cultura ganhem novas formas de resistência ou de condenação. A desvalorização progressiva da cultura autóctone, arruinada pelas propostas do consumismo, transforma objetos consagrados como símbolos de permanência em *souvenirs* cuja função social desaparece, esvaziados do lugar afetivo do que antes se constituía em sua parte mais expressiva.

## Mídia e alienação

A intervenção dos meios de comunicação de massas, com destaque para o implemento da televisão, nas décadas de 1950 e 1960, terá sido um passo decisivo no sentido de disseminar o *marketing* publicitário que despeja enormes quantidades de produtos supérfluos no mercado latino-americano. No que se refere à propaganda veiculada pelo rádio e pelo cinema, nos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial e durante o seu transcurso, o fato do Brasil ter tomado parte no conflito mundial e ser um porta-voz da propaganda ideológica norte-americana não representa nenhuma compensação que lhe possa garantir uma condição vantajosa. Pelo contrário, nos anos posteriores à guerra, o país adquire uma fortuna em eletrodomésticos de segunda linha, já em desuso nos Estados Unidos, mas que entre nós representam grande novidade. Do mesmo modo, as emissoras de rádio passam a tocar todo tipo de música norte-americana, obrigando nossos autores e intérpretes a seguirem uma espécie de receita bem-sucedida de sucesso, a partir de uma cultura do pré-fabricado. Por esse meio, Roy Wagner acrescenta: “A cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se a situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetificar a discrepância como uma entidade”. (2012, p. 54). A isso se adensa a propaganda de um modelo de vida que passa a priorizar o individualismo e a meritocracia, desestimulando as formas de convivência coletiva em favor da família nuclear e monogâmica.

A televisão, por sua vez, exerce seu poder de persuasão como um instrumento que se apodera de várias narrativas para lhes dar uma feição operística de dramalhão que mimetiza os acontecimentos da política, da economia e da violência, a partir da instauração de um esquema que neutraliza os conflitos e lhes confere uma condição de normalidade. Se, no passado, as

radionovelas, os filmes pastelões ou os programas de auditório moviam paixões e alimentavam disputas benignas, a televisão hodiernamente apresenta-se como um apêndice das redes de computadores, onde a velocidade da informação atinge níveis inimagináveis. Essa obsolescência passa a corresponder ao cansaço de uma geração que não se contenta mais com a novelização cotidiana das crises geradas pelo próprio sistema. Disso decorre a forma abastardada da comunicação como expressão de um lazer estéril que muito pouco representa em termos de contribuição para a formação de indivíduos capazes de agir do ponto de vista crítico ante as imposições da sociedade. Em vista disso, Jesús Martín Barbero e Germán Rey afirmam: “Desprendida do espaço local-nacional, a cultura perde seu laço orgânico como o território da língua, que eram as bases de seu *tecido próprio*. (2004, p. 34). O processo de alienação que se efetiva assume uma postura deliberada de aniquilamento do teor crítico da informação como uma espécie de retorno ao cinema mudo, na medida em que pesa um enorme silêncio sobre a falta de importância do que é veiculado.

O espaço destinado à informação através da televisão está atrelado a interesses que contrariam a ideia da formação de opinião, desviando o fulcro dos acontecimentos para o lado que lhe parece mais conveniente. Desse modo, o espaço destinado à crítica desaparece, dando margem a uma demanda de comentários subliminares que desinformam, ao configurar um desvio do que seria, de fato, o papel a ser representado por esse importante veículo de massas. No Brasil, como em boa parte da América Latina, os conglomerados televisivos obedecem a interesses ligados a grupos norte-americanos que reproduzem o que há de pior, nos termos de uma programação voltada para a dominação ideológica como um grande projeto articulado. Desse modo, a afirmação de Paul Zumthour acrescenta: “A introdução dos meios auditivos e audiovisuais, do

disco à televisão, modificou consideravelmente as condições da performance”. (2007, p. 51). As massas consumidoras desse produto encontram na demanda do que lhes é apresentado um espaço de aniquilamento da sensibilidade criativa, através da veiculação do que persiste como expressão de subcultura, quando a possibilidade de sugerir reflexão acaba por reduzir o expectador a mero serviçal de um sistema do qual se considera elemento importante. Na condição de paciente, receptor passivo da enxurrada de informações do que não lhe diz respeito e lhe foge ao entendimento, o público acostuma-se ao convívio da televisão como uma lareira que lhe aquece ou um objeto de uso e manobra lhe aliena.

O princípio básico do entendimento acerca do que representa a proliferação da imagem como meio de abastardar a originalidade cultural latino-americana corresponde à violência que desde sempre atinge com dureza os interesses do continente. De um modo geral, esse exercício ocorre com tamanha sutileza que faz os incautos crerem nas intenções de quem agencia o sistema, ao passo em que, na verdade, o domínio sobre a opinião pública consiste na ferramenta de uso da televisão. A isso, Jesús Martín Barbero acrescenta: “A proposta cultural se torna sedução tecnológica e incitação ao consumo, homogeneização dos estilos de vida desejáveis, banimento do nacionalismo para o limbo anterior ao desenvolvimento tecnológico e incorporação à cultura do espetáculo”. (2001, p. 280). A expansão desse meio de comunicação, no entanto, passa a sofrer a concorrência dos microcomputadores que encurtam a praticamente zero a distância com relação à informação, na medida em que seu caráter portátil viabiliza uma velocidade inimaginável até então, ao conferir presteza no atendimento de seus clientes. Assim, ainda que perdure sua condição de poderoso veículo de massas, a televisão, nos moldes do que fora anteriormente, caminha a passos largos em direção à obsolescência. Os aspectos que ainda

lhe conferem o prestígio que a fazem pontificar como referência tendem a assumir um espaço de descrença ante as promessas fraudadas pelo sistema de que se faz porta-voz. No contexto da contemporaneidade, a expectativa do público se renova, exigindo maior rapidez e interatividade nas relações com o mundo virtual que se impõe.

A seqüência dos acontecimentos faz crer na viabilidade de um contexto onde a necessidade de serem refletidas sucessivas imagens, como na caverna de Platão, conduzem a caixa de Pandora da televisão a espelhar um momento de transição que deverá conduzi-la ao lugar de objeto em desuso, no rol das coisas que se acumulam ao longo dos séculos, em decorrência da dinâmica do sistema capitalista. Assim, Arjun Appadurai acrescenta: “O fluxo global de imagens do eu e do outro divulgadas pela mídia e algumas vezes transformadas em mercadoria cria um crescente arquivo de híbridos que desmancham as linhas rígidas na borda das identidades de larga escala”. (2009, p. 66). No emaranhado de situações que concorrem para configurar a estrutura de um sistema tentacular, a desvalorização apresenta-se como um mecanismo previsível, uma vez que se faz necessário lançar mão de novos meios de substituição que sirvam de combustível à máquina geradora de bens. Desse modo, a viabilidade de diferentes meios de consumo não faz senão dar conta do que se apresenta como óbvio ante o sentido imutável do que se caracteriza como ideologia de dominação. Em vista dessa afirmação, Roberto Hughes interfere: “O multiculturalismo afirma que as pessoas com diferentes raízes podem aprender a ler os bancos de imagens de outras, podem e devem olhar para além das fronteiras de raça, língua, gênero e idade sem preconceito ou ilusão”. (1993, p. 75). Por meio de mecanismos já consolidados, torna-se difícil acreditar na derrocada de um sistema que, na verdade, apenas tende a ser substituído em seu nível de importância, em vista do declínio de sua

trajetória de êxito consolidada no transcurso do século XX. Por sua vez, o desencantamento que condena a sociedade ao desinteresse pelos objetos produzidos em quantidades absurdas parece estabelecer uma ciranda sem fim, quando tudo representa nada diante do que logo a seguir se decompõe.

## **Crise da ideologia**

A estrutura que dá sustentação ao regime socialista apresenta seus mais evidentes sinais de precarização a partir do acidente nuclear na usina de Chernobyl, em 1986. O acontecimento detecta com clareza a inviabilidade do modelo econômico planejado diante da dinâmica acelerada do capitalismo que se efetiva em decorrência da euforia liberal e concorre para que a utopia socialista seja condenada ao malogro. Com isso, se dissemina o conceito geral de que o fracasso socialista, a partir da derrocada do bloco de países apoiados pela União Soviética, ajuda a sepultar as ideias de igualdade social apresentadas como inviáveis, com a vitória da livre iniciativa como regra do capitalismo. A sociedade de consumo, portanto, manifesta-se vitoriosa ante o que representa o parasitismo de um sistema que se burocratizou ao extremo, em vista da falta de condições de poder acompanhar no mesmo nível os avanços tecnológicos que só poderiam efetivar-se a partir de uma ordem econômica advinda das formas do capitalismo liberal. Assim, Boaventura de Sousa Santos acrescenta: “Se a modernidade se torna hoje mais do que nunca problemática, o marxismo será mais parte do problema que defrontamos do que da solução que pretendemos encontrar” (2003, p. 35). O socialismo parece ter engessado suas promessas de igualdade social por não ter como cumprir condições básicas inerentes à nova ordem mundial, contrariando questões relacionadas à liberdade individual e aos direitos humanos.

A situação precária com que os países do leste europeu passam a conviver traz de volta o sentido de atraso que remete à condição rural que os caracterizava no período anterior à Segunda Guerra Mundial, quando logo em seguida associam-se à União Soviética, dando origem à formação de um grande bloco. Disso decorre o estabelecimento de uma área de conflito internacional que, com a expansão socialista, passa a se chamar de Guerra Fria, implicando na polarização de forças militares entre os Estados Unidos e a União Soviética que coloca o mundo à beira de um conflito armado. O desgaste decorrente dessa medição de forças, que obriga as duas potências a investirem em armas de guerra, acaba por fragilizar a União Soviética, para quem os gastos com armamento nuclear inviabilizaram o desenvolvimento do plano quinquenal como base de manutenção de seu programa social. Do outro lado do embate, os Estados Unidos confirmam sua hegemonia de potência militar e econômica, através do exercício de poder sobre os países da América Latina, incluindo-se também o bloqueio econômico e as restrições diplomáticas impostas ao regime socialista de Cuba. Assim, Serge Latouche acrescenta: “Feridas no coração, as sociedades não ocidentalizadas só podem girar no vazio. A perda de sentido que as atinge e as consome progressivamente como um câncer não é uma aculturação”. (1994, p. 68). A chamada perestroika, ou seja, a representação das medidas liberais implementadas pelo líder soviético Mikhail Gorbachev, consolida-se como período de profundo desgaste do socialismo, condenado ao descrédito de um mundo que se sente no direito de ter acesso aos bens de consumo que não têm como serem acessíveis nos países de economia planejada. A abertura econômica torna-se responsável por um estado de euforia, contrapondo-se ao processo de depressão que atinge duramente o bloco soviético.

O primado do consumo esvazia a concepção socialista, que passa a ser vista como exemplo

de retrocesso, superada em suas instâncias como marca de atraso e conservadorismo. No entanto, pode-se pensar acerca do socialismo como um regime que tem efeito no século XX, ainda que sua concepção, em vista da oposição ferrenha ao capitalismo, concorra para que essa competição se torne desigual. Isso acarreta situações que se desenvolvem como um sentido de compensação provisória que, por conta da transição do tempo, induz a sociedade mundial a acreditar que o processo revolucionário se reduz a sua inviabilidade, na medida em que a pressa de viver disseminada pelo consumo passa a vigorar como valor imutável. Em vista disso, Néstor García Canclini afirma: “No populismo estatizante, os valores tradicionais do povo, assumidos e representados pelo Estado, ou por um líder carismático, legitimam a ordem que estes últimos administram e dão aos setores populares a confiança de participam”. (2000, p. 264). O socialismo requer uma demanda de tempo que se converte em processo ineficaz, diante das determinações que visam situar o ser humano como um mero paciente sem poder de crítica, quando lhe deveria caber o papel de agente de suas transformações. Assim, o universo das mercadorias determina o nível de convivência dos indivíduos, que passam a ser consumidores, o que servirá como imposição diante de uma demanda que se mostra irreversível. A eficácia com que os países produtores de bens de consumo, a exemplo dos chamados tigres asiáticos, derramam toda sorte de aparelhos eletrônicos em mercados sem condições mínimas de superação da pobreza marca de forma avessa o meio através do qual esse processo se efetiva.

Diante disso, não resta muito a ser questionado a respeito do colapso que se caracteriza como forma de intermediação em tempos distintos, quando o final do milênio e o início do milênio seguinte se separam de modo abissal do período que lhes antecede, a partir do que passa a ter lugar

como espécie de cansaço em face de promessas não cumpridas. Assim, verifica-se um aviltamento do projeto socialista, uma vez que o antigo sistema cede lugar ao consumo alienado que estabelece uma nova ordem de desejos ao que até então se faz representar pelo princípio de manutenção do ideário do sistema. A situação de descrédito chega ao limite extremo com o fim do apoio econômico da União Soviética a Cuba. Em vista dessa afirmação, a análise Alberto Moreiras pode acrescentar: “A possibilidade de um latino-americanismo de segunda ordem como transcodificação crítica realiza-se com o ato de se colocar em equivalência ativa o código ideológico da própria teoria do pós-modernismo e o código alterativo do subalternismo”. (2001, p. 129). Os fundamentos do marxismo passam a ser questionados como se o filósofo alemão estivesse sendo submetido ao crivo da história de um sistema que não deu certo. Ao propor o fim da divisão entre classes sociais, por exemplo, o marxismo acaba por contribuir para o recrudescimento do poder capitalista. Esse recrudescimento, por sua vez, corresponde à mudança de rota do que Marx previra, ou seja, na eclosão revolucionária em países em avançado processo de desenvolvimento industrial.

O resultado dessas mudanças se faz sentir na degradação das grandes cidades, cuja periferia reflete o quadro de penúria que se contrapõe à força do dinheiro e do poder. A isso, Néstor García Canclini acrescenta: A “superação” prática do etnocentrismo que o capitalismo produziu foi a imposição de seus padrões econômicos e culturais às sociedades dependentes e às classes populares”. (1983, p. 27). Esse contraste de proporções absurdas tende a colocar em evidência o êxodo cada vez maior das populações excluídas das áreas de extrema pobreza para os centros urbanos, sem que a isso seja acrescida qualquer medida que vise adequá-las a essa situação. O contrário disso ocorre em função da deterioração que se agrava em face desse

quantitativo inesperado tornar a periferia urbana um reduto vitimado pela falta de infraestrutura capaz de dar conta da avalanche populacional que aí passa a viver. Por isso, os centros urbanos da Europa e dos Estados Unidos, assim como da África, da Ásia e da América Latina, sem exceção, convivem com problemas decorrentes da superpopulação que se configura sem dar opções de escolha ao eixo, tampouco à margem do capitalismo. Desse modo, Renato Ortiz acrescenta: “Na verdade, a própria concepção do que seria a “massa” associa-se aos fenômenos de multidão, em que as individualidades se dissolveriam em detrimento do todo”. (1998, p. 31). Como consequência, a perda dos valores da identidade, em vista da fragmentação de culturas, que se pulverizam, é agravada pelo que parece representar a falência das ideologias, condenadas à submissão pela ordem do capital que determina os rumos do consumo como um novo credo, a que se faz preciso professar. A reestruturação do capital, em termos ainda mais desumanos, deixa de considerar a individualidade como expressão da existência. Em lugar disso, assume a condição predatória das potencialidades naturais que passam à condição de mercadorias.

## Espaços da cultura virtual

A configuração do mundo virtual assume dimensões anteriormente improváveis, na medida em que a interação da comunicação dirige-se a um público cada vez mais amplo. A velocidade da informação ganha um sentido até então imprevisível, na medida em que o sistema de informações torna-se um instrumento de acesso cada vez mais fácil, o que se caracteriza a partir do consumo de microcomputadores vendidos em quantidades absurdas, contrapondo-se à desigualdade e à falta de perspectivas sociais desses mesmos consumidores. A proliferação da comunicação assume a dimensão de um mundo globalizado, mas que ao mesmo

tempo esbarra em necessidades elementares, concorrendo para fragilizar o que supostamente se apresenta em seu sentido redentor. Por esse meio, a afirmação de Homi Bhabha pode acrescentar um elemento de teor relevante: “O valor da arte está não no alcance transcendente, mas na sua capacidade tradutória: na possibilidade de se deslocar em meio à mídia, aos materiais e aos gêneros, sempre e ao mesmo tempo demarcando e redemarcando as fronteiras materiais da diferença”. (2011, p. 121). O mundo virtual configura-se em espaço de lucro significativo, se for considerada a gama de excluídos que se conectam por meio da *internet* como única possibilidade de contato com o que lhe é possível fruir no plano da cultura e da arte. O acesso às redes de computadores possibilita a leitura de situações vivenciais inerentes à inclusão das pessoas ao ambiente de que fazem parte, cabendo-lhes, por conseguinte, a condição de participantes indiretos de um quadro extraordinário de situações às quais não lhes seria viável senão por esse meio. A inclusão digital, portanto, concorre como elemento responsável pela configuração de postulados de cultura que possibilitam o acesso a materiais que fundamentam a existência.

Nos bolsões de miséria espalhados pelo mundo, a informação digital se constitui na única ferramenta capaz de articular a relação da parte com o todo, uma vez que inexistem mecanismos de superação da indigência que não passem pelo contato com os computadores. Assim, por mais que esses meios de reprodução se consignem em lazer barato e consumo estéril, a eficácia do papel que desempenham é relevante, pensadas as condições de atraso diante das quais pontificam como elementos responsáveis pela integração do homem ao mundo. Desse modo, a análise de Andrea Semprini acrescenta: “Eles são mais movimentos sociais, estruturados em torno de um sistema de valores comuns, de um estilo de vida homogêneo, de um sentimento de identidade ou

presença coletivos, ou mesmo de experiência de marginalização”. (1999, p. 44). O sentido utilitário da cultura, nas condições em que se apresentam os núcleos de miséria, tende a ser excluído da vida diária, na medida em que o homem, banido de sua terra, busca integrar-se aos meios de comunicação virtual como mecanismos possíveis à superação de sua condição social. O espaço que separa o indivíduo dos centros de consumo e cultura mais próximos por vezes se constitui em distância que só pode ser alcançada pela comunicação virtual. Assim, diferentes partes se integram, ainda que a precariedade relativa aos meios de acesso a essas redes seja por vezes inimaginável. Navegar pela *internet*, portanto, se constitui na única oportunidade possível aos que não dispõem de recursos que lhes assegure o acesso à cultura e à educação.

A globalização como expressão definida da perda dos conceitos de história e ideologia, configurados em padrões desiguais de consumo e exploração pelo trabalho, parece atingir percentuais cada vez mais amplos em sociedades para as quais não resta qualquer alternativa senão a de submeterem-se às demandas de imposição de um sistema que cada vez mais tiraniza seus consumidores. Isso, por sua vez, os faz acreditar serem eles os atores principais de um espetáculo do qual são meros figurantes. Assim, Stuart Hall acrescenta: “O sistema é global, no sentido de que sua esfera de operações é planetária. Poucos locais escapam ao alcance de suas interdependências desestabilizadoras”. (2003, p. 59). A participação de camadas cada vez mais amplas que passam a ter acesso ao mundo virtual contrasta com o quadro desviante da miséria em sua feição absoluta. A presença do aparato tecnológico que dá sustentação ao mundo virtual pode ser traduzida na quantidade de aparelhos que inundam o mercado na forma sequente das modificações que a cada instante lhes acrescentam inovações, tornando obsoletas as anteriores. Isso se dá de modo acelerado, não restando tempo hábil

para que outra cultura tenha espaço. O acesso ao mercado de aparelhos de comunicação, expresso no consumo de microcomputadores, movimenta uma parcela significativa da economia, constituindo-se, ao mesmo tempo, em ferramenta indispensável.

O impasse decorrente das sucessivas crises que se impõem à economia mundial determina mudanças significativas no sentido de que às populações mais duramente atingidas pela pobreza torna-se imprescindível o acesso à rede de computadores como meio de promoção mínima. A isso acrescenta-se o fato de que os espaços de lazer e cultura dessas classes reduzem-se ao ambiente local, na medida em que a precariedade dos deslocamentos implica na necessidade de navegar na *internet* como caminho de descoberta. O consumo de aparelhos eletrônicos torna-se uma febre a tal ponto incontrolável que tende a sugerir a oferta cada vez maior de produtos que a essa demanda agregam outros tantos. Por essa via, Jean-François Lyotard acrescenta: A enciclopédia de amanhã serão os bancos de dados. Eles excedem a capacidade de cada utilizador e são a natureza para o homem pós-moderno”. (1989, p. 105). Assim, a aplicação dos mecanismos da mídia eletrônica no cotidiano das comunidades pobres responde a requisitos de subordinação à indústria cultural como sistema capaz de induzir os indivíduos à condição de consumidores, não obstante a esse aspecto corresponder o dado da inclusão digital como argumento à disseminação de uma cultura que recorre inevitavelmente às formas do facilitário. A cultura do fragmento caracteriza-se, desse modo, pela precarização do que não chega a ser fraudado em seu nível de valor.

O que se confirma como argumento em favor da informática como expressão de uma vitória indiscutível não induz em momento algum a um pensamento de contraposição. Assim, a posição da máquina com relação ao homem não obedece a nenhuma prerrogativa contrária, sendo,

portanto, inquestionável. Diante disso, predomina uma posição de passividade, na medida do que não há oposição ao que já se consagrou. Esse triunfo corresponde à dominação sobre um mundo onde a competição se estabelece como regra, sendo o conhecimento técnico a base de um pensamento que se impõe de forma absoluta, deixando à margem os que não atingem níveis de excelência na realização de atividades sob o comando das máquinas, a partir da importância que essas passam a ter. A isso, Giorgio Agamben acrescenta: “Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (2009, p. 63-64). A conformação de um quadro da cultura como segmento dessa nova ordem tende a fomentar a existência de seres atrelados a formas diferentes de se pensar o mundo, tendo em vista o lugar que ocupam e de onde passam a observar a cena contemporânea. O sistema de informação se constitui hodiernamente no principal meio de acesso à educação, estabelecendo um *ultimatum* ao indivíduo que se mostre refratário ao saber como forma de ascensão.

Evidencia-se o fato de que vivemos em um mundo em permanente transformação, uma vez que as conquistas da técnica são facilmente superadas, não sendo possível identificar a olhos nus o que ocorre como resultado desse processo. Ainda há o fato referente à indústria cultural atuar como sistema que tritura potencialidades, reduzindo todas as formas de cultura a patamares de importância secundária diante do consumo. A isso, Jacques Rancière acrescenta: “A vida democrática torna-se a vida apolítica do consumidor indiferente de mercadorias, direitos das minorias, indústria cultural e bebês produzidos em laboratórios”. (2014, p. 43). A virtude ou o defeito, no que se refere a um sistema que baralha os termos inerentes ao lugar que ocupa, tende a assumir postos inusitados de poder referentes à cultura virtual como modelo para o

qual não há qualquer forma que lhe possa impedir o percurso. A trajetória que se impõe com o primado da comunicação em tempo real significa a abertura de um novo espaço às relações interpessoais, além de se constituir em mecanismo para o qual não há força que lhe possa coibir. A disseminação da informação se supera a cada instante, a partir do momento em que as necessidades se volatizam, obedecendo a um processo que preza pela rapidez das ações de um mundo onde não se tem tempo a perder. Assim, se faz necessário estar atento à demanda de transformações que se efetivam como tendência predominante diante do que se apresenta como primeiro grande colapso econômico do século XXI. Diante disso, a previsão pessimista de que tudo se transforma em mercadoria para logo a seguir ser descartado atende aos desígnios de um mundo cuja velocidade das ações que se impõem não dá conta de atender às reais necessidades que se impõem a partir da realidade. Por conta disso, somos diariamente subjugados pela dominação referente ao consumo sem crítica como mero elemento gerador de bens, diante da necessidade de a máquina capitalista continuar a funcionar em plena força.

## Referências

- ADORNO, Theodor. *Sociologia*. Trad. Flávio R. Koethe et al. São Paulo: Ática, 1986.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, Itáu Cultural, 2009.
- BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses*. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, Brasília: Editora UFMG, Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HUGHES, Robert. *Cultura da reclamação: o desgaste americano*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LATOUCHE, Serge. *A ocidentalização do mundo: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária*. Trad. Celso Mauro Paciornik. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna: trajetos*. Trad. José Bragança de Miranda. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 1999.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ZUMTHOUR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Submissão em 28 de maio de 2017

Aceito em: 20 de novembro de 2017